

Psicanálise: contribuições à prática em Educação

Psychoanalysis: contributions to educational practice

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Educação; terapia psicanalítica.

KEY WORDS: Psychoanalysis; Education; psychoanalytic therapy.

PALABRAS CLAVE: Psicoanálisis; Educación; terapia psicoanalítica.



A paulista Renata Udler Cromberg formou-se em Psicanálise pelo curso do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em 1984. Lá trabalhou como professora por oito anos. Mas foi sua formação em uma escola secundária de vanguarda, o Vocacional, que a ajudou a formar uma atitude de pesquisa e de visão política a partir dos onze anos de idade. Cursou Psicologia e Filosofia e chegou à Psicanálise, como ofício de escolha, pela descoberta da Ética de Spinoza (para ela, em termos do movimento do pensamento através de sua história, o prelúdio, no século XVII, da psicanálise do século XX).

Em 89, ajudou a criar a revista *Percurso*, publicação que traz para o campo da escrita as discussões da psicanálise e se apresenta como uma proposta de interlocução, elaboração e compartilhamento dos problemas que movimentam a prática cotidiana nessa área.

Entrevista realizada pelas professoras Lilia Schraiber (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) e Maria Lúcia Toralles-Pereira (Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista), com a colaboração de Márcia Couto Falcão (Universidade Federal de Pernambuco) e Adriana Ribeiro (Fundação Uni Botucatu).

Para ela, a Psicanálise não se restringe só ao atendimento individual em consultório particular. O trabalho clínico de supervisão de atendimento de casos de violência sexual incestuosa no consultório e nas instituições trouxe inquietações que a levaram, também, ao campo da pesquisa, nas fundações Ford e Carlos Chagas, nesta última tendo trabalhado o tema violência sexual e Psicanálise. A partir daí, valendo-se de sua formação em coordenação de grupos e análise institucional, passa a desenvolver um trabalho psicanalítico de supervisão em instituições que lidam com a violência sexual como a Casa Eliane de Grammont, a Casa Elisabeth Lobo e o Cearas. A partir de sua postura, de que as pessoas que atendem situações que envolvem violência estão expostas a muita angústia e precisam ser escutadas para renovarem sua condição de trabalho, é, então, convidada a participar dos cursos de capacitação em atendimento de situações de violência promovidos pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Coletivo Feminista, ministrando aulas, palestras e supervisões, sobretudo relativas ao tema “Quem cuida de quem cuida?” Essa primeira experiência, que evidenciou a potência da Psicanálise no trabalho multidisciplinar das instituições, levou-a a arriscar-se novamente no desconhecido de um campo difícil, ao passar a trabalhar, nos últimos três anos, na supervisão clínica do trabalho de profissionais de saúde mental de várias áreas do Centro de Referência e Treinamento em AIDS e DST.

Desde 1989, dedica-se à escrita, publicando vários ensaios sobre o feminino, cabendo destaque para o artigo “Um corpo que cai, um corpo que se ergue”, publicado na França, no livro “Féminité autrement” (Feminilidade dita de outro modo), com artigos provocadores de psicanalistas de várias partes do mundo, em 1999. Em seus artigos sobre o feminino, valendo-se também de sua preocupação com a questão do corpo em Psicanálise - preocupação que também vem marcada pelo aprendizado e ensino de dança por muitos anos - o terreno em que se situa é o do assinalamento dos limites do pensamento ocidental, a necessidade de uma desconstrução para sua transformação, e o papel do enigma do feminino. Os limites da psicanálise, mas também suas possibilidades, em outros de seus veios, sobre esta e outras questões, e a abertura para outros campos de saber que ampliem as possibilidades de escuta e teorização psicanalítica, também fazem parte de suas preocupações. Publica o livro “Paranóia” na coleção Clínica Psicanalítica, em 2000 e, no momento, escreve um livro sobre violência sexual incestuosa para a mesma coleção.

Esta entrevista acontece num momento em que a revista traz à discussão a formação do profissional de Saúde em toda sua dimensão e que também a Psicanálise está revendo seus limites e possibilidades em virtude das comemorações de seus cem anos. O que poderia ser mais atual na Saúde senão o cuidado? E na Educação, senão a supervisão dos profissionais em seu cotidiano de trabalho como educação permanente? O caminho para compreender melhor o impacto da Psicanálise na Saúde e na Educação estava lançado...

A entrevista transcorreu com a informalidade e seriedade necessárias aos “amigos do Saber”, em contexto mais que apropriado: clima de amizade... um “banquete” no melhor ‘nhoque’ da italiana Paulicéia. Sobre o Saber, podemos saborear o que segue...

o fascínio pela psicanálise/a ética psicanalítica

Como judia, fui muito marcada pelo holocausto da segunda guerra mundial. Embora não tenha perdido nenhum familiar nos campos de concentração, na minha adolescência tomei conhecimento do genocídio e isso foi muito traumático para mim. Talvez por isso, eu sempre tenha tido uma inquietação pela liberdade de pensamento, por uma prática pautada na ética da tolerância, da singularidade, do respeito à diferença. Justamente a potência do processo analítico é ser um espaço onde prevalece essa singularidade desejante, ou seja, um espaço no qual se faz uma suspensão da moral, da ética do coletivo, para dar conta do sofrimento psíquico causado por uma escravidão aos nossos próprios fantasmas. Entendo a Psicanálise como um caminho que pode propiciar uma ética que valoriza a tolerância, a singularidade e o desejo de cada um. E essa ética volta-se para a busca da felicidade possível ao homem, principalmente porque esta depende dele mesmo, de algo que o ajude em seu sofrimento, ao levá-lo a tomar posse de si mesmo.

o processo e a escuta psicanalíticos

O processo psicanalítico se dá pela posição em que o psicanalista se coloca, da escuta de uma subjetividade, no limbo onde as palavras, os suspiros e os ritmos fazem uma dança diferente do que o conteúdo de seus enunciados poderia nos fazer pressupor. É porque a palavra é destituída de seu valor comunicacional usual que o processo analítico se instala. Pela atenção flutuante do analista, que pode tê-la por seu próprio inconsciente analisado e da associação livre do paciente, constitui-se este limbo de uma outra cena, onde o desconhecido irrompe inesperadamente, revelando os contornos de um fantasma inconsciente que obstaculizava o livre curso do desejo, propiciando, em geral, um alívio muito grande no sofrimento que sente quem procura uma análise. Para a Psicanálise, é uma fantasmática que estrutura o comportamento da vida de cada ser, as estruturas fantasmáticas procurando se exprimir, encontrar uma saída para a consciência e ação e, por isso, seu material não é só feito da sexualidade infantil recalçada e, portanto, inconsciente, mas também de novos materiais que são atraídos a ele. O fantasma é tal qual um espantalho, composto de pedaços de coisas desconexas, cada um de um lugar, resíduos de frases escutadas, restos de imagens, uma espécie de montagem surrealista construída em cima de um pensamento simples e curto que por várias razões teve de ser reprimido. A interpretação psicanalítica visa dissipar o fantasma e nesse sentido o psicanalista é um caçador de fantasmas que, em sua posição, permite àquilo que é de outra cena, marcada pela sexualidade infantil, se manifestar. O processo psicanalítico é longo porque é longo o processo de constituição do recalque e, portanto, igualmente longo o processo de levantamento do recalque e dissipação do efeito doloroso do fantasma. A escuta psicanalítica percorre um árduo caminho para pulverizar o fantasma no vazio entre os corpos em que ele se instalou, restituindo-o a seus corpos de origem, para

que, do vazio, possa renascer o desejo, prevalecer as forças de vida. É porque o homem ocidental teme o vazio, que o fantasma pode se instalar, dando uma impressão de continuidade ilusória entre os corpos, anulando imaginariamente os intervalos entre eles. Se o sentido se desdobra numa multiplicidade e infinidade, a palavra, um dos instrumentos para atingi-lo, deve trazer nela a intenção simultânea e paradoxal de instalar o sentido e o não sentido, não mais pensado como vazio, mas sim, como um fluxo vivo que possibilita novas criações.

O inusitado da experiência psicanalítica faz com que se tenha a vivência da eficácia mágica da lenta cura pelas palavras. Em casos ou momentos mais difíceis, não só a palavra, mas outros recursos expressivos, os gestos, as produções artísticas, os escritos, os estados corporais e os atos.

limites e possibilidades da psicanálise

Acho importante sempre deixar uma ponta de desconfiança com a psicanálise, por mais paixão que se tenha por ela, por maior que seja a sedução que ela exerça, para justamente permitir que ela faça as interfaces com outros campos de saber que são profundamente realimentadoras e assim não se tornar um saber totalitário, uma nova religião. Isto permite um movimento de renovação e um alargamento constante para a Psicanálise enquanto campo de saber e segue a índole inicial de Freud de sempre abrir para o campo da cultura para ir buscar novas indicações sobre a constituição da alma humana.

Mas eu vou mais longe. Eu fiz também, durante três anos, nos anos oitenta, uma formação em análise institucional e coordenação de grupos em que foi precioso para mim o contato com autores para além da psicanálise, filósofos como Deleuze, Foucault e Guatarri, literatos como Canetti, psicanalistas, psicólogos sociais e analistas institucionais como Bauleo, Saidon, Loureau, Lapassade e outros que se preocupavam com a posição do intelectual em relação ao poder, a questão do grupo e da massa, as instituições e suas relações com o capitalismo, questões que me permitiram fazer uma articulação muito fértil entre psicanálise e instituição, psicanálise e trabalho grupal. Ter podido vivenciar a potência desta associação nas instituições em que trabalhei como supervisora grupal, seja de maneira clínica, seja de maneira institucional, permitiu-me talvez relativizar o contexto dos primórdios da afirmação da psicanálise enquanto teoria e prática, a afirmação de Freud de que a Psicanálise seria o ouro puro e o trabalho psicoterápico, sobretudo nas instituições, o cobre. Apesar de continuar afirmando a riqueza e potência do trabalho psicanalítico em seu habitat tradicional, o consultório, hoje eu penso que a Psicanálise é posta a trabalhar em contextos outros que o atendimento individual em consultório particular e sai muito enriquecida tanto em sua teoria como também em seu método e sua técnica. O que a Psicanálise traz de precioso para qualquer situação é seu dispositivo de escuta, a eficácia mágica do deixar falar, os conteúdos latentes que surgem, os não ditos, as recorrências e repetições, as redes e interligações de novas falas que este dispositivo de escuta permite. É

este dispositivo de escuta psicanalítica, ou melhor, seus pressupostos, que permitem uma abertura inédita ao discurso do outro, em que o outro se vê ativamente podendo assumir um discurso mais problemático e complexo, mas mais verdadeiro, sobre si e sobre seu meio de trabalho, que está ganhando espaço em outras áreas de atuação. Isto vale para o campo da Saúde, mas também para o campo da Educação, cujos ecos vemos na abordagem construtivista do ensino/aprendizagem. Por exemplo, seja num aconselhamento relativo à AIDS ou em situações de violência, se você não singulariza, se você não conhece as condições de vida da pessoa para saber porque é que é naquele momento e não em outro que ela está procurando ajuda, você não consegue ouvi-la de verdade, o que dificultará em muito a ela também escutar você. Isto é uma verdade que se torna cada vez mais evidente no campo da prevenção. Agora, se você “gasta” um encontro para saber da própria pessoa porque ela está ali, como é a vida dela, o que ela está sentindo ou como está afetada, você consegue um envolvimento que permite um engajamento com aquilo que você tem a propor que também se modifica com aquilo que você ouve.

a psicanálise como nova forma de ver o mundo

Insisto, junto com Freud, que a Psicanálise não é uma visão de mundo. Ela é simultaneamente uma teoria, uma técnica e um método que permite a criação de um espaço privilegiado no qual o sofrimento psíquico e o psiquismo são examinados. Isto é muito importante porque, ao lidar com a singularidade desejante, com o próprio de cada um, não de uma maneira moral, mas acompanhando a posição subjetiva diante do sofrimento psíquico, a Psicanálise não se conforma com os padrões da época.

Agora, é evidente que a descoberta da Psicanálise, se olharmos agora, após cem anos, trouxe novas formas de ver o homem, a cultura e o mundo. Primeiro, trouxe uma possibilidade de transformação inédita para o homem: a partir do suporte de um outro, modificar seu passado, pela ressignificação de suas marcas de memória, para transformar seu presente e seu futuro. Sem sair do lugar, mas viajando pelos vastos continentes do planeta alma, é dentro de si, com um outro, que o homem acha a possibilidade de aceitação de si, de mudança e transformação. A noção de tempo psíquico, que a Psicanálise traz, modifica totalmente a concepção de temporalidade. A Ciência e a Filosofia, especialmente nos últimos duzentos anos, trouxeram inúmeras colaborações e descobertas na percepção do não absoluto do tempo linear, sucessivo e cronológico. Mas foi a Psicanálise que trouxe a idéia de uma temporalidade psíquica que funciona por meio do *a posteriori*, ou seja, um evento que antes estava configurado de uma certa maneira é ressignificado de uma outra maneira por um outro evento posterior. Nossa vida psíquica funciona por sucessivas retranscrições, retraduições, nos diferentes momentos dela, de tal maneira que não existe fato psíquico verdadeiro, fixo e imutável, mas sim, uma verdadeira mobilidade psíquica, a verdade de cada um se movimentando de acordo com essas ressignificações, que são desdobramentos de sentido. O que o “maravilhoso” trabalho

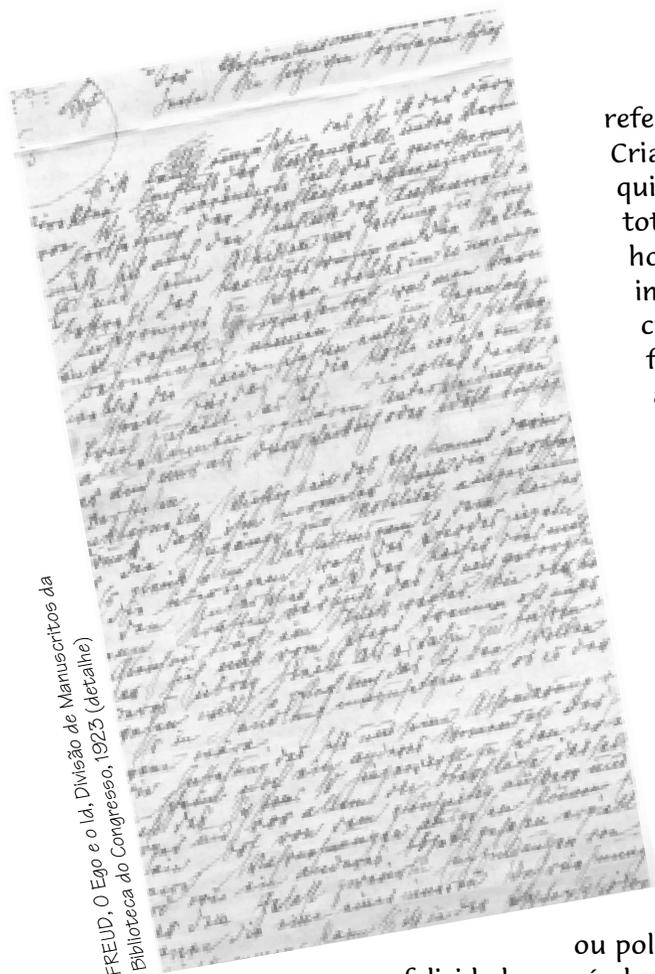


ELI TEIXEIRA, 2001

psíquico propicia, pelo próprio esforço de sua manutenção, é a abertura para o desconhecido em si mesmo, no encontro com o outro no mundo, a possibilidade de renascimentos e devires, no tempo do finito ilimitado, movimento da vida para além dos limites e da morte com que sempre temos que nos haver. Segundo a Psicanálise, o psiquismo humano funciona com uma concepção de memória de várias camadas arqueológicas que se movimentam, um acontecimento hoje, uma sensação, um afeto, se ligando a outro muito antigo e o sentido e a significação irrompendo neste rasgo que atravessa e movimenta as camadas, sempre passíveis de ligação entre si. Por exemplo, o que um lapso traz, isto que aparentemente é tão banal, é a possibilidade de associações que, não obedecendo a uma lógica formal racional, trazem de surpresa um sentido inesperado. E esta concepção do funcionamento da memória, que pensa o todo e não localizações determinadas, sejam elas anatômicas ou não, já está presente em um texto como *As afásias*, escrito por Freud antes de ser psicanalista e que antecipa as atuais concepções da Neurologia sobre a capacidade de o cérebro criar vias colaterais no caso de lesões cerebrais, já que certas vias poderiam se ocupar do que antes estava encarregada a via lesionada.

A consequência disso levaria a pensarmos que uma outra forma de ver o homem e o mundo que a psicanálise trouxe, diferente da Ciência, de boa parte da Filosofia e da Religião, é levar em conta, mais que isso, privilegiar o acidental, exatamente o que estes saberes desprezam. Neles, o que conta é o universal, o geral e o particular. O acidental é desprezado. Conta que todo homem é mortal, Sócrates é homem, então Sócrates é mortal. Se Sócrates usava uma túnica amarela com bolinhas roxas ou se estava triste, são eventos desprezíveis para estes saberes. Ora, é justamente para a túnica ou a tristeza de Sócrates que a Psicanálise vai dar importância, o acidental singular que diz respeito só a ele. Não que para a Psicanálise não existam universais. Eles existem, mas, como diria Merleau Ponty, são universais por oblíquo. São articuladores, esquemas operatórios de reviravolta que só fazem sentido na singularidade.

Uma outra forma de ver o mundo que a Psicanálise trouxe está, por exemplo, no texto visionário de Freud *O mal estar da civilização*. Para mim, este texto é a afirmação de que o dispositivo psicanalítico se inscreve na linhagem dos pensamentos que procuraram dar conta de uma passagem da servidão para a liberdade possível. Mal entendido na época, é de uma atualidade impressionante. Nele, Freud perscruta inúmeras possibilidades da idéia de cultura e civilização. Perceber que o custo da civilização é muito alto, pois se ela é construída à custa da repressão das pulsões, essa repressão gera a mesma destrutividade que ela quis evitar. O superego criado intrapsiquicamente para barrar o ódio é, ele mesmo, de uma destrutividade enorme. Freud localiza a fúria destrutiva no narcisismo mais primário do ser humano, localizando as causas intrapsíquicas da violência e agressividade. O homem é o lobo do homem. Este texto traduz para mim algo com que lida todo o corpo da psicanálise e que é o foco da experiência psicanalítica: a criança imaginária e a criança pulsional sob o fundo do desamparo humano. A criança imaginária pode criar a pior das servidões, a servidão invisível e inconsciente às próprias imagens como o único



FREUD, O Ego e o Id, Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso, 1923 (detalhe)

referencial de conhecimento e contato com o mundo. Criando a imagem da liberdade paradisíaca e imortal na quimera da completude narcísica que exprime uma ânsia de totalização, obstaculiza o desejo da liberdade possível ao homem. Esta criança é tirânica e faz-nos obedecer aos imperativos de um outro em nós. Mas é a outra face desta criança, a criança pulsional, que é capaz das mais fantásticas criações artísticas e culturais, possibilitando ao homem um parceiro interno que possibilita o encontro de parceiros externos para enfrentar a contraface que é a experiência de desamparo e impotência, realidade primeira e última do homem diante da experiência de separação e de morte. Há, portanto, uma criança a matar e uma a fazer renascer. Este texto é anterior ao nazismo, e é peça fundamental de todo pensamento crítico, sobretudo da Escola de Frankfurt, que vai trazer a idéia de que o progresso traz nele mesmo uma dimensão regressiva de barbárie. No entanto, apesar do tom pessimista referente aos ideais iluministas anteriores de Freud em relação à sublimação e cultura, ele traz em seu bojo uma ética psicanalítica da tolerância, pensada como atitude espiritual e intelectual e não como atitude moral

ou política. Pois há no texto uma pergunta sobre qual é a felicidade possível ao homem que ele responde dizendo que nenhuma regra a respeito da felicidade vale para todos. Cada um deve buscar por si mesmo a maneira que possa ser feliz. Essa eleição será influenciada pelos mais diversos fatores exteriores e de constituição psíquica. Há, portanto, a afirmação de uma ética simultaneamente da singularidade e da pluralidade, ainda que não escamoteie as dificuldades de sua concretização. A Psicanálise vem ocupando uma posição no século XX como esta espécie de arte mágica com as palavras, com uma inteligibilidade conceitual, que sozinha não dá conta dos problemas da cultura, mas que traz esta ética da tolerância com a diferença que permite, como queria Spinoza, que o desejo possa subsistir como a força essencial que nos faz perseverar na existência aumentando nossa potência. Ética do acompanhamento nas delicadas passagens, ética que freqüenta sempre os limites, as margens do que é vivido como outro, estrangeiro, chamado por Freud forças do Id ou regiões do inconsciente. As repercussões são enormes em termos de se pensar a liberdade, a servidão voluntária, e antes de mais nada, os próprios tiranos fantasmáticos de cada um, o totalitarismo enraizado em cada psiquismo etc.

Mas a Psicanálise participou de maneira radical na transformação de uma nova forma de ver a mulher e o feminino. A Psicanálise foi co-fundada por Freud e suas pacientes mulheres classificadas como histéricas que o ensinaram a deixá-las falar, ter voz, dar voz a seu sofrimento, ao recalque de sua sexualidade. Não orientá-las da sua posição de Mestre, mas ao escutá-las e na sua posição suposta de quem sabe, deixá-las aceder à verdade de seu

desejo, às potências de prazer do seu corpo. E a partir de então, a Psicanálise sempre caminhou, ampliando-se, para onde foi a descoberta do feminino. Sobretudo que ele não é privilégio das mulheres e que a civilização, em sua ânsia de progresso linear, faz de tudo para recusá-lo, produzindo seu desaparecimento silencioso, o mesmo se passando com o suporte natural do mundo. A noção de bissexualidade constitutiva do ser humano trouxe uma reviravolta enorme na constituição das subjetividades e das posições sexuais e, portanto dos costumes, com tudo o que isto traz de uma nova problemática.

a parceria da psicanálise com outros saberes

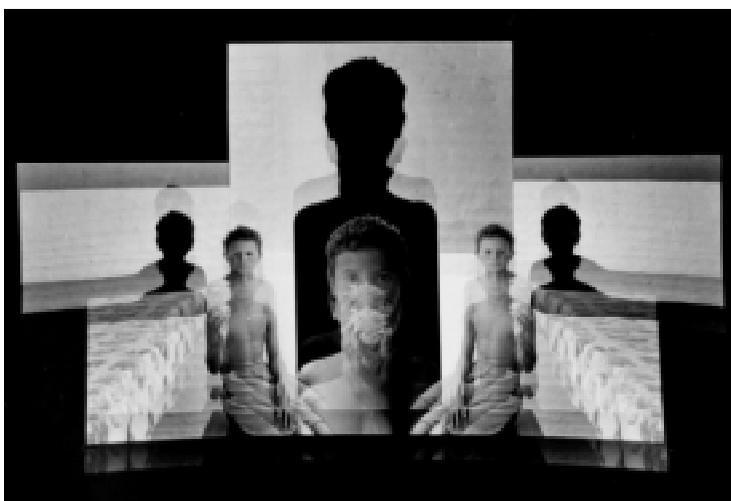
É inegável que a Psicanálise pode encontrar parceiros em outros saberes e que junto deles há muito o que explorar. É inegável, qualquer que seja o caminho que tomem neste todo indissociável corpo-alma, psique-soma humanos, que o remédio psiquiátrico, as terapêuticas advindas da Neurociência e Neurofisiologia, como também a Filosofia, a Religião, os florais de Bach e a Homeopatia, ajudam o homem em seu sofrimento. Se a novidade psicanalítica colocou em relevo o corpo erógeno, não foi sem esquecer que nas bordas deste está o suporte do corpo em seu funcionamento físico-químico-biológico e a capacidade sublimatória humana. É inegável a atuação de um remédio anti-psicótico na melhoria do fluxo ideativo, de um anti-depressivo que, em certos casos, ao atuar nos neurotransmissores, traz possibilidades representacionais inéditas para alguns pacientes que começam, por exemplo, a sonhar, a associar, a cometer lapsos, saindo do imobilismo psíquico depressivo. A questão é colocar, muitas vezes, o remédio como eliminador de sintomas que podem ser incômodos, mas que podem ser benéficos ao trabalho psíquico, quando presentes em certo grau. É a ideologia da eliminação radical do sofrimento que contraria a constituição trágica do humano, na qual a dor é tão constitutiva do viver como o é a alegria. O que a Psicanálise oferece é a possibilidade de viver o sofrimento psíquico com um outro, para poder gradativamente se apropriar dos meios de suportá-lo e transformá-lo.

Um outro campo de parceria inequívoca é a chamada Psicossomática, que vem despertando enorme interesse, pelos desafios clínicos e teóricos que oferece tanto para o médico quanto para o psicanalista. É aqui que o paralelismo da alma e do corpo da filosofia de Spinoza ganha um novo contorno com a invenção do conceito de pulsão em Psicanálise, representante do soma na alma, e de um espaço psíquico que dá conta de suas manifestações. Quando a pulsão não pode aceder ao trabalho simbólico, quando não pode se transformar em angústia, quando o conflito psíquico não pode se constituir, ela estoura no corpo de maneira mortífera. A doença se produz por uma cisão entre a psique e o soma. O tratamento médico deve, então, vir acompanhado por uma difícil tentativa de transformar o sofrimento orgânico em sofrimento mental o que produzirá possibilidades e sintomas menos mortíferos, passíveis de transformação, além de uma maneira de vivenciar o corpo, cuja percepção é profundamente rudimentar ou deformada, de outra maneira.

influência da psicanálise no mundo contemporâneo em termos de produção de conhecimento

A Psicanálise, portanto, trouxe muito instrumental para pensar que existe uma verdade que é sempre singular, provisória, que se desfaz e se reconstitui e que tem um movimento. Se é assim para o homem singular, talvez o seja também no movimento dos saberes, das formas constantemente reinventadas de produção de conhecimento. A descoberta da noção de inconsciente produziu um deslocamento fantástico, a de que “o homem não é senhor em sua própria casa”, considerada por Freud a terceira ferida narcísica da humanidade, depois de o homem descobrir que a terra não era o centro do universo e que o homem descendia do macaco. Agora, o próprio inconsciente não é algo estático, um saquinho que contém coisas escondidas, fruto do recalque, esperando para serem descobertas como um tesouro pronto. Ele é pura associação virtual, que se precipita, que pode se atualizar, partindo de um sonho, de traços de memória de certos pensamentos, desejos infantis de cunho sexual no sentido amplo. Os elementos se articulam e o que existe é a disponibilidade de se articularem, palavra, imagem, ato, afeto etc. Neste sentido parece-me que o mundo de possibilidades abertas pelo computador, pela internet, pelo mundo eletrônico virtual teve, em sua invenção, a co-determinação da invenção do conceito de inconsciente e sua ampliação crescente, que determinou uma reviravolta na concepção de funcionamento mental, pura virtualidade, disponibilidade de múltiplas associações que podem ou não se atualizar, a idéia de link, de compartimentos virtuais, de funcionamento associativo em redes, de todos provisórios, em aberto, é a própria concepção de funcionamento mental que a Psicanálise trouxe, e que o homem pode materializar e redobrar numa invenção maquínica. É lógico que não podemos pensar isso de uma maneira causal simples, mas na forma da co-determinação. Pois a noção de inconsciente foi inventada na mesma época da máquina fotográfica e da máquina cinematográfica e talvez uma complexificação na noção de inconsciente foi se dando ao longo do século XX, juntamente com a enorme mudança tecnológica que trouxe o computador.

Uma outra coisa interessante é pensar que as noções de sujeito do inconsciente, sujeito do desejo e seu desdobramento na de subjetividade, tão no centro das Ciências Humanas atualmente, é profundamente marcada pela Psicanálise. A noção de um eu universal, senhor da razão e do pensamento, que controla e domina o que pensa e faz no mundo, é explodida pela Psicanálise. Ele já não é senhor absoluto da sua casa. É a famosa inversão da “máxima” cartesiana apontada por Lacan, a partir da descoberta do inconsciente: em lugar de “Penso, logo existo”, temos “Sou onde não penso e penso onde não sou.” Um dos desdobramentos desta inversão é que o homem já não está mais sujeito totalitariamente, de maneira moral, às normas de socialização que ele constrói, à lei simbólica que forja, mas tem a possibilidade de singularizar-se, em seu estar-no-mundo, pelo seu desejo. Esta valorização da singularidade será recortada da noção de sujeito do desejo e trará à tona uma preocupação com o modo de subjetivação, único para cada um, que valoriza cada idioma singular, cada desenho de um estar-no-mundo construído a partir da potência criativa de cada um. Tema complexo, que deixo para ser desenvolvido em outra ocasião.



ELI TEIXEIRA, 1998